

# Funaro atropela negociação

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, atropelou ontem todos os princípios do Clube de Paris, ao afirmar, na Câmara dos Deputados, que o Brasil pretende fechar acordos separados para a rolagem da dívida externa junto a organismos oficiais e que recorrerá até a posições unilaterais de suspensão de pagamentos do principal e dos juros para enfrentar resistências de alguns países credores.

Na prática, as declarações de Funaro contrariam o rumo das conversações conduzidas até agora pelo chefe da assessoria internacional do Ministério da Fazenda, Alvaro de Alencar, pelo presidente e pelo diretor para assuntos da dívida externa do Banco Central, respectivamente, Fernão Bracher e Antonio de Pádua Seixas.

Como ponto de partida, nos contatos já realizados com o

Clube de Paris, os representantes brasileiros deixaram claro que o País não pediria, para a rolagem da dívida oficial, nem mais nem menos do que aquilo que for acertado com os bancos privados. Por enquanto, o Brasil acertou com os credores privados a manutenção em dia do pagamento dos juros; o reescalonamento por sete anos, com cinco de carência, o principal da dívida de 6,67 bilh-oes de dólares vencido em 1985 e o congelamento das amortizações de 9,94 bilhões de dólares exigíveis ao longo deste ano, até março de 1987, quando o País estará discutindo a renegociação plurianual da dívida.

Sem que o Brasil tenha sequer formalizado o acordo complementar à fase 2 para a rolagem da dívida de 1985 e 1986 e muito menos apresentando a proposta de renegociação

plurianual, perde consistência a afirmação do ministro da Fazenda do que o Brasil capitalizará parcela dos atrasados de 1985 e exigirá prazos de dez anos de amortização, com cinco de carência, para as dívidas incluídas no âmbito do Clube de Paris.

Em entrevista à revista especializada **Euromoney**, no início deste ano, o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, disse que o papel do Fundo Monetário Internacional (FMI) "é absolutamente indispensável para facilitar o processo dos programas de recuperação dos países devedores". Mas Pádua Seixas sempre comentou os encontros com Trichet com a expectativa de que o Clube de Paris também acompanharia a decisão do comitê de assessoramento dos bancos credores.